

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 36 No. 3 Setembro - Dezembro 2023

DOSSIÊ

COMO E ONDE SÃO SEPULTADOS OS ANIMAIS DE CRIAÇÃO NA AMAZÔNIA CONTEMPORÂNEA? VIVÊNCIAS, AFETIVIDADES E MORTE NO PASSADO E NO PRESENTE ARQUEOLÓGICO NA CIDADE DE SANTARÉM/PA

Tainá Neres Campos*

Cristiane Nayara Jati Colares**

Myrian Sá Leitão-Barboza***

Gabriela Prestes Carneiro****

Anne Rapp Py-Daniel*****

* Bolsista de PIBIC (UFOPA), estudante de arqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará, discente do Curso de Arqueologia. E-mail: tainaneres69@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3083-4420>.

** Estudante de arqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará, discente do Curso de Arqueologia. E-mail: crisnjcolares@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0193-2961>.

*** Bióloga, doutora em Antropologia e Estudos Latino-Americanos, docente do Programa de Graduação de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará (PAA-UFOPA), do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia (PPGAA-UFOPA) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGEA-UFPA). E-mail: myrianbarboza@ufl.edu. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6712-7386>.

**** Arqueóloga, doutora em Arqueologia, docente do Programa de Graduação de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará (PAA-UFOPA). E-mail: gabi_prestes@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2958-5797>.

***** Arqueóloga, doutora em Arqueologia, docente do Programa de Graduação de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará (PAA-UFOPA). E-mail: annerpd1@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5919-452X>

DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v36i3.1087>

RESUMO

Na Amazônia, os animais além de terem sido utilizados para o consumo e fornecimento de matérias prima, são criados, cuidados e algumas vezes, enterrados. Este trabalho apresenta um estudo de caso sobre as relações vivenciadas por pessoas com os seus animais de criação em Santarém-PA. Foram realizadas 12 entrevistas com pessoas que atualmente possuem animais de criação da cidade, em seguida, foi realizado um levantamento das espécies criadas por povos indígenas amazônicos. Percebemos que as relações em vida entre pessoas e animais influenciam o modo que elas lidam com a morte destes animais e, mais especificamente, como são sepultados, buscamos identificar a materialidade que essas relações acrescentam à Arqueologia.

Palavras-chave: Amazônia; animais de criação; sepultamentos de animais.

DOSSIER

HOW AND WHERE ARE DOMESTICATED ANIMALS BURIED IN CONTEMPORARY AMAZON? EXPERIENCES, AFFECTIONS, AND DEATH IN THE PAST AND ARCHAEOLOGICAL PRESENT IN THE CITY OF SANTARÉM/PA

ABSTRACT

In the Amazon, animals have been used for consumption and the supply of raw materials, they were also raised, cared for, and sometimes buried. This work shows a case study on the relationships experienced by people with their domesticated animals in Santarém/PA. We conducted twelve interviews with people who currently have domesticated animals in the city, then, we surveyed the species raised by Amazonian indigenous peoples. We realize that the relationships between people and animals in life influence the way they deal with the death of these animals and more specifically, how they are buried. we seek to identify the materiality that these relationships add to Archeology.

Keywords: Amazon; pet-keeping animals; animal burial.

DOSSIER

¿CÓMO Y DÓNDE SON ENTERRADOS LOS ANIMALES DOMÉSTICOS EN LA AMAZONÍA CONTEMPORÁNEA? EXPERIENCIAS, AFECTOS Y MUERTE EN EL PASADO Y EN EL PRESENTE ARQUEOLÓGICO EN LA CIUDAD DE SANTARÉM/PA

RESUMEN

En la Amazonía, los animales, además de ser utilizados para el consumo humano y suministro de materias primas, son también criados, cuidados y, en ocasiones, enterrados. Este trabajo presenta un estudio de casos sobre las relaciones vividas por las personas con su ganado en la ciudad de Santarém, Pará (Brasil). Se realizaron 12 entrevistas a personas que actualmente tienen ganado en la ciudad, luego, se realizó un levantamiento de especies criadas por los indígenas amazónicos. Se observó que las relaciones en vida entre personas y animales influyen en el modo en que estas enfrentan a la muerte de estos animales y, más específicamente, cómo son enterrados, y así se busca identificar las razones que estas relaciones aportan a la Arqueología.

Palabras clave: Amazonía; cría de animales; enterramiento de animales.

INTRODUÇÃO

Na Amazônia, apesar do crescente número de estudos em Zooarqueologia, ainda há poucos estudos que investigam os animais em contextos arqueológicos. Os estudos disponíveis realizados na Amazônia Central (PRESTES-CARNEIRO, 2016), Llanos de Mojos, Sudoeste da Amazônia (BÉAREZ, 2005; PRESTES-CARNEIRO *et al.*, 2019, 2021), Nordeste Paraense (SILVEIRA, 1995; FERREIRA, 2022), mostram a importância que as espécies tiveram na alimentação das sociedades humanas.

Por ser um tema ainda muito pouco investigado na Arqueologia sul-americana, há poucos registros arqueológicos sobre os animais de companhia nas Américas. No Brasil, no estado de Sergipe, esqueletos de um furão (*Galictis cuja*) e de uma ave de rapina, cuja espécie não foi identificada, foram encontrados junto a sepultamentos humanos (QUEIROZ *et al.*, 2017). No México, em 2022, foram encontradas oferendas contendo a espécie macaco-aranha (*Ateles geoffroy*) que é exótica à área onde foi encontrada, a região de Teotihuacan (SUGIYAMA *et al.*, 2022). Estudos isotópicos neste espécime mostram que o animal foi capturado com cerca de três anos e, desde então, viveu com os humanos tendo sido alimentado com itens alimentares que os humanos consumiam como milho, pimentas, araruta e outros. No Chile, México, Colômbia e no sul dos Estados Unidos, araras (*Ara macao*) e, em alguns casos, louros, foram encontrados em contextos arqueológicos pré-colombianos exóticos à região de dispersão natural (CAPRILES *et al.*, 2021; ZORRO-LUJÁN *et al.*, 2021; HARGRAVE, 1970). No Chile, Capriles *et al.* (2021) verificaram que as aves foram encontradas em contexto funerário há mais de 500 km do local de sua distribuição natural. Este caso demonstra uma conexão com trocas de animais de longa distância entre o deserto do Atacama e a Amazônia. Em Paquime, no México, foram encontradas gaiolas em adobe construídas especificamente para as araras, como também sepultamentos específicos para os animais, mostrando a grande importância simbólica destes no passado (SOMERVILLE, 2010). Também neste estudo, análises palinológicas demonstraram que as aves eram alimentadas com milho, abóbora, agave e amaranto.

Sabemos que algumas espécies de animais na Amazônia se tornaram o que chamamos atualmente de “animais de criação”. Vamos aqui descrever a nossa escolha pelo termo “animais de criação”. Consideramos “animais de criação” aqueles indivíduos que são criados pelas pessoas em suas casas ou em contexto doméstico. O termo “xerimbabo” também esteve dentro das nossas probabilidades, mas se refere a um termo Tupi, o que nos limitaria, já que nem todos os povos que abordamos no decorrer do texto são Tupi. Uma outra opção seria utilizar o termo “animais domésticos”, porém é comum encontrar o termo associado àquelas espécies que foram domesticadas ao longo da história, como cabra, cachorro, gato, galinha, porco, dentre outros. Devemos lembrar que alguns animais como serpentes, tamanduás, cotias e macacos são animais considerados selvagens, mas podem ser criados por humanos. Além disso, a palavra “doméstico” remete ao conceito de “animal que vive em casa”; ora, alguns animais criados, como veremos ao longo dessa pesquisa, não foram criados dentro de uma “casa”. Alguns autores como Erikson (2012) usam também o termo “animal familiar”, porém pensamos que a palavra “família” pode não contemplar os animais que passam por diferentes indivíduos e não necessariamente estão associados a uma família em específico. Por fim, em alguns poucos trabalhos em francês, como no de Erikson (1988), encontramos na literatura o conceito de “animal de companhia”, que também é válido. No entanto, escolhemos o termo “animais de criação” porque pensamos que ele melhor se enquadra no contexto que estamos pesquisando, o amazônico. Para nós que somos da Amazônia, o ato de “criar” transmite a ideia de alimentar, dar banho, adornar, vigiar e algumas vezes enterrar, ações que buscaremos descrever neste trabalho.

Os animais aparecem em várias esferas dos rituais fúnebres: sepultados junto aos humanos, como carne que acompanha o indivíduo, como adornos feitos com partes de animais, peles etc. Em vários locais da América do Sul há relatos de sacrifício de animais relacionados a contextos fúnebres humanos, como o sacrifício das lhamas no contexto andino (GOEPFERT, 2012). Os animais, nestes contextos, são alimentos para os vivos que participam do ritual fúnebre. Silva (2005), que trabalha em sambaquis do litoral brasileiro, relata que os peixes são frequentes em estruturas funerárias dos humanos, nesse caso servindo como carne que alimenta os vivos. Algumas vezes também essa carne é alimento para seres espirituais. Em alguns casos há relatos de que se depositava carne junto ao morto para poder distrair entidades na passagem da pessoa morta para que chegasse até o outro plano (QUEIROZ *et al.*, 2017; PRUDENTE, 2021). Mas não encontramos, até o presente, em registro de depósitos claros de animais de companhia que tenham sido enterrados junto aos seus mortos.

Ao redor do mundo, há uma diversidade muito grande de animais criados pelos humanos (OLIVEIRA, 2011), mas nosso interesse será pela região amazônica. Escolhemos trabalhar na Amazônia por termos observado na cidade de Santarém uma grande diversidade de animais sendo criados pelos humanos. Fausto (2001), Erikson (2012) e Velden (2009) são três autores que estudam os animais de criação na Amazônia, entre os indígenas Matis, entre os povos do Xingu, e entre os Karitiana, respectivamente.

Nós escolhemos realizar nossa pesquisa em um contexto contemporâneo e amazônico que é o município de Santarém. Essa escolha se deu porque Santarém é uma cidade com forte herança indígena, como mostram os trabalhos de arqueologia regional (RAPP PY-DANIEL, 2017; GOMES, 2018). Atualmente, contamos com a presença de várias etnias que residem na cidade, como Arapium, Apiaká, Arara Vermelha, Borari, Cara Preta, Jaraqui, Kumaruara, Munduruku, Maytapu, Tapuia, Tupinambá, Tapajó, Tupaiú, Wai Wai entre outras. A cidade de Santarém é considerada como a mais antiga do Brasil já que, antes da passagem dos primeiros europeus no século XVI, há fortes evidências de um grande número de pessoas que viviam na região (NEVES, 2015). Após a colonização europeia no século XVII, Santarém recebeu um alto fluxo migratório de pessoas de diferentes lugares migrando a procura de trabalho, no contexto da escravidão, busca de terras, comércio etc. As heranças culturais de Santarém, portanto, resultam de uma forte miscigenação, com uma forte presença indígena, mas também de grupos afro-diaspóricos, nordestinos, portugueses, entre outros (SYMANSK; GOMES, 2012). O que entendemos como uma Santarém contemporânea é composta por pessoas com heranças culturais diversas e, mesmo levando em consideração as generalizações, nossa reflexão gira em torno a refletir sobre as rupturas e continuidades que existem nessa relação dos humanos com os animais de criação. Na cidade de Santarém hoje, é comum observar nos quintais das casas e dos apartamentos a presença de alguns animais sendo criados como cães, gatos, papagaios, jabuti, galinhas, galos, pássaros selvagens, coelhos e peixes em pequenos aquários. Para além desses animais de criação, que é o foco da nossa pesquisa, há outros animais sendo criados na região, como cavalos, porcos, bois, ligados principalmente ao fornecimento de matérias primas para atividade econômica.

Buscando investigar 1) quais são os animais de criação em Santarém hoje, 2) como são as interações entre pessoas e animais e 3) como e onde são sepultados os animais de criação, nossa proposta é, em um primeiro plano, apresentar um levantamento realizado sobre os animais de criação por meio de entrevistas semiestruturadas com moradores do município de Santarém, que inclui área urbana e área rural. E, em segundo plano, a partir desse estudo de caso, nossa proposta é fazer uma discussão bibliográfica sobre as diferenças e similaridades entre as formas de enterro das populações indígenas da

Amazônia. Apesar de um número considerável de etnografias, não há sistematização das informações sobre os animais de criação (espécies, ocorrência geográfica, materialidade relacionada, formas de criação). Desta maneira, a organização destas informações auxiliará nas reflexões sobre as possíveis funções dos animais presentes nos sítios arqueológicos e as relações simbólicas e afetivas com os povos da Amazônia.

MATERIAIS E MÉTODOS

Nossa pesquisa se dá na região urbana de Santarém, que é composta atualmente por 48 bairros. Nossos interlocutores moram nos bairros de Aparecida, Floresta, São José Operário, Mararu, Alter do Chão e Jardim Santarém (UFOPA, 2018) (Mapa 1). Alguns interlocutores foram familiares e amigos, outros interlocutores foram pessoas conhecidas da família da autora principal ou de suas orientadoras. Todas elas tiveram ou ainda têm animais de criação.

Mapa 1. Localização de Santarém de forma ampla.



Fonte: Maia (2018).

O trabalho foi dividido em duas etapas metodológicas; na primeira etapa optamos por trabalhar com entrevistas, e a segunda consistiu em levantamento bibliográfico de etnografias que retratavam o tema sobre animais de criação.

As entrevistas

Na primeira etapa foram entrevistadas, ao todo, 12 pessoas. Nós tínhamos um roteiro com perguntas semiestruturadas, mas ao longo da conversa pudemos fazer outras perguntas que não estavam nesse roteiro. Esse tipo de entrevista permitiu uma abordagem mais flexível. As entrevistas foram realizadas no segundo semestre de 2021, por parte de nós (Tainá Neres e Cristiane Colares), como parte da avaliativa da disciplina de Zooarqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará.

O formato das entrevistas foi baseado no modelo de entrevistas realizado por um colega indígena em seu Trabalho de Conclusão de Curso, Beni Wai Wai (2019). O autor

optou por realizar uma breve apresentação dos entrevistados antes de decorrer com suas falas, contextualização importante para situar o leitor sobre quem é o entrevistado.

Na sequência, usamos aqui perguntas como o nome do entrevistado, de onde vinha, onde morava e um breve resumo sobre a pessoa.

Antes de qualquer pergunta aos entrevistados, nós explicamos que este trabalho estava vinculado às aulas e à pesquisa. Após o consentimento dos interlocutores, realizamos a entrevista. Na primeira etapa, a pesquisa foi realizada por meio de ligações de vídeo chamada pelo aplicativo de *WhatsApp* e pessoalmente com aqueles que se encontravam em nossas residências. Após esse momento, enviamos as perguntas por mensagens de texto via *WhatsApp*. Em alguns casos realizamos videochamadas com leitura de cada pergunta ao entrevistado.

Nesse período em função da pandemia da Covid-19, tomamos medidas protetivas para realização das entrevistas. Ao final das entrevistas, todas eram transcritas seguindo a forma como os entrevistados nos relataram, não mudando qualquer palavra que fosse diferir nos seus relatos. Quanto à faixa etária dos interlocutores, variou de 25 a 80 anos. Essa seleção foi intencional para que pudéssemos ouvir pessoas de diferentes idades. A seguir, temos as perguntas correspondentes ao questionário aplicado.

Roteiro de entrevista semiestruturada da primeira etapa

1. Que animal você escolhe para representar seu nome na entrevista?
2. Qual o bairro que você mora?
3. Qual sua idade?
4. Você possui ou já possuiu algum animal doméstico?
5. Qual o grau de interação entre você e sua família com esse animal?
6. Caso já tenha tido outros animais, descreva como era sua relação, e como se sentiu em relação à sua perda.
7. O que você faz com o corpo do animal após sua morte?
8. Você enterra, onde?
9. Como foi feito o enterramento desse animal?
10. Você sabia como os seus antepassados enterravam os animais?
11. Você já ouviu falar que em algum momento da história de populações do passado, muitas pessoas optaram por serem enterradas com seus animais de estimação? O que você pensa a respeito?
12. Caso em nossa atualidade fosse possível, você manifestaria o interesse em ser sepultado junto de seu animal?

Levantamento bibliográfico

O segundo momento do trabalho foi voltado para um levantamento bibliográfico, grande parte encontrado em etnografias, sobre animais de criação em sociedades indígenas. Dentre os povos indígenas amazônicos, é preciso lembrar que os povos são muito diversos cultural e linguisticamente, como os povos das famílias Tupi, Arawak, Karib, Pano e Jê (URBAN, 1992). Dada esta tamanha diversidade, há povos que podem ter uma grande proximidade por questões linguísticas, mas ser que podem ser diferentes em outros aspectos e costumes. Entendemos que, por mais que sejam grupos próximos cultural ou linguisticamente, esses diferentes povos podem ter o comportamento com os animais totalmente diferente uns dos outros.

RESULTADOS

Quais são os principais animais de criação em Santarém hoje?

Em Santarém hoje são criadas pelo menos 17 espécies distintas de animais. Entre os mamíferos, nós identificamos cães, gatos, cavalos, coelhos, bodes, quati, cabras, hamster, furão (Figuras 1 e 2). Entre os peixes, várias espécies são criadas em aquários, por exemplo acari (*Loricariidae*) e acarás (*Cichlidae*) (Figura 2). Entre os répteis nós identificamos cobras, jabutis e sapos (Figuras 4 e 5). Entre as aves, temos galinhas, galos, papagaio e pássaros selvagens (Figura 5). Esses animais são criados em vários espaços da cidade de Santarém, nas ruas, nas casas, nas praças, dentro da universidade. Nesses espaços, eles podem ou não ser animais de companhia. A espécie mais comum de estar entre as pessoas em Santarém é o cachorro, principalmente no espaço urbano, seguido pelos gatos e pássaros. Já nas comunidades ribeirinhas e do interior, é mais frequente encontrar animais de porte maior como porco-caititu, macaco, jabuti, entre outros (Figura 7).

Quando questionamos os interlocutores sobre “qual o grau de interação entre você e sua família com esse animal?”, todos os entrevistados relataram que possuíam grande afeto com seus animais. Esse afeto fica evidenciados nas seguintes falas:

Desde criança sempre tivemos contato com animal. [...] já na nossa adolescência criamos um quati, a domesticamos de uma forma que ela parecia uma criança, entendia quase tudo que a gente falava (Terezinha Neres, Bairro da Floresta, 47 anos).

Muito boa (a interação), até brigamos pelo carinho dele as vezes (Fabio Mota, São José Operário, 24 anos).

Ele faz parte da família. Sempre fui apegada aos animais, minha relação com eles é como se fosse sangue do meu sangue (Karolinne Wanghon, Bairro do Mararú, 22 anos).

meu marido que tinha mais contato, pois o cavalo era dele, sempre foi bem tratado, quase igual um filho. [...] a cadela que eu crio é muito companheira, sai comigo para todo canto, como se quisesse me proteger de algo na rua, fora que ela protege a casa de pessoas estranhas” (Rosa Maria, Bairro da Floresta, 71 anos).

Muito íntimo, o animal é tratado como um membro da família (Eder Bruno, Bairro da Floresta, 23 anos).

Muito. Pra mim é um filho: eu brinco, eu beijo, eu choro demais eu me preocupo (Mirlene Maria, Bairro de Aparecida, 30 anos)

Nosso grau de interação é muito alto, nós gostamos muito deles, chamamos de bebê, filha e filhão, como se fossem crianças (Cristiane Nayara, Bairro de Aparecida, 34 anos).

Por outro lado, somente um interlocutor relata pouca interação com animais.

Tivemos pouco grau de interação. Em relação aos animais que temos hoje, alimentamos, damos remédios, levamos ao veterinário, mas ainda considero como pouco. Não tenho chamego igual a minha filha (José Gilvam, Bairro de Aparecida, 57 anos).

Figura 1. Animal de companhia criado na cidade de Santarém.



Foto: Terezinha Neres, 2021.

Nota: O cachorro pertence a Terezinha.

Figura 2. Gato de companhia criado na cidade de Santarém.



Foto Eder Bruno, 2021.

Nota: Pertence ao entrevistado, Eder Bruno.

Figura 3. Peixe de companhia criado em aquário na cidade de Santarém.



Foto: Jennifer Cavalcante, 2022.

Figura 4. Erinethe Sandre Bentes dos Santos com seu jabuti de criação no bairro Aldeia.



Foto: Erineth Santos, 2022.

Figura 5. Abigail e Gael, jabutis de criação de Erineth Sandre Bentes dos Santos, no bairro da Aldeia.



Foto: Santos.

Figura 6. Ave de companhia criado na cidade de Santarém.



Foto: Rosa Maria, 2021.

Nota: Galinhas pertencem à dona Rosa Maria.

Figura 7. Alexandre Piza Pereira com seu macaco de criação na Fazenda Reunidas.



Foto: Pereira/Monte Alegre/PA.

Como é o pós-vida dos animais de criação? O registro dos contextos dos enterramentos de animais em Santarém hoje

Para verificarmos o tema da morte dos animais de criação, iniciamos as perguntas questionando a percepção e os sentimentos dos donos após a morte dos seus animais. A grande maioria dos interlocutores relatou que tiveram forte sentimento de tristeza. Essa tristeza fica explícita nas seguintes falas:

Como a gente morava em fazenda, sempre tivemos muitos bichos, sempre de espécies diferentes. E, como meus filhos todos eram crianças nesse tempo, eles ficavam muito tristes quando um deles morria (Rosa Maria, Bairro da Floresta, 71 anos).

[Sentimos tristeza após a morte] apenas com animais domésticos, não me recordo de relações com outros animais quando criança, mais quando adolescente. Tivemos um quati fêmea quando adolescente, mas por ser um animal diferente dos costumes domésticos, tivemos que entregar para o Zoofit,¹ mas é sempre triste perder um animal que amamos, sendo doméstico ou não (Terezinha Neres Campos, Bairro da Floresta, 47 anos).

Eu tinha uma relação muito boa com dois cachorros, era eu quem cuidava, dava banho, levava pra dar vacina. Quando perdi meus animais, me senti muito mal,

¹ Zoofit é o zoológico da cidade de Santarém que recebe e abriga animais da fauna silvestre.

pois depois que dei um remédio pra meu cachorro, ele piorou. Percebi que ele já tinha falecido pela madrugada quando levantei pra olhá-lo (Fabio Motta, Bairro de São José Operário, 24 anos).

Minha relação com animais domésticos sempre foi ótima, desde criança sempre tivemos animais, que sempre foram tratados bem. A perda do animal sempre é um baque muito grande, principalmente do membro familiar que é mais apegado ao bichinho. Geralmente o tutor sente que perdeu alguém da família. Sempre que um animal meu morre, passo semanas para me adaptar à nova rotina (Eder Bruno, Bairro de Aparecida, 23 anos).

Nós tivemos sim outros animais. Tínhamos relações muito boas com eles, mas de uns anos para cá, parece que ficamos mais apegados com esses. Em relação aos que já tivemos, ficamos muito triste quando os perdemos. Em se tratando de mim, quando perdi a minha cachorrinha Pantera, fiquei acompanhando ela até o último suspiro. Ela havia comido veneno e mandei ao veterinário. Lá ela foi cuidada e, após isso, ainda ficou conosco aproximadamente um ano, mas o veterinário disse que era para sempre observar porque ela poderia ficar ruim em algum momento. Quando ela piorou, depois de um ano, começou a se comportar e sentir coisas diferentes. Antes dela morrer, passei o tempo todo perto dela, por volta da noite piorou a respiração e mudou a cor dos olhos. Depois de um tempo, o coraçãozinho dela parou de bater e ela parou de respirar. Foi muito triste. O outro gatinho que tínhamos, o Bidu, também, fiquei muito impressionada. Depois da morte dele, ainda passei mais de um ano todas as noites pensando nele e que talvez eu poderia ter evitado a morte dele (Cristiane Nayara, Bairro de Aparecida, 34 anos).

Em relação às entrevistas, percebemos a preocupação e o cuidado em relação ao animal doente. Apenas uma pessoa disse que não teve qualquer sentimento em relação à morte, como pode ser verificado na fala a seguir:

Me senti normal, sem qualquer expressão de dor, eu sempre soube que isso poderia acontecer (José Gilvam, Bairro de Aparecida, 57 anos).

Quando questionados sobre “o que eles faziam com o corpo do animal após sua morte? Se enterra? Onde? Todos os entrevistados relataram realizar a prática de enterramento. Estes enterramentos foram feitos nos quintais de suas casas ou terrenos próximos. Quando não era possível realizar dessa forma, levavam a um centro específico de atendimento.

Sempre enterramos do lado de casa, embaixo da árvore de acácia, a uma distância de 100 metros. Apenas o “Sultão”, que era o cavalo de estimação, que foi enterrado mais longe pra não chegar o cheiro perto da casa. [...] até hoje me lembro do meu marido quando o seu cavalo morreu, ele enterrou bem longe de casa, forrou o chão com folha de bananeira, cobriu o cavalo com um tecido muito bonito branco como a cor do cavalo, por cima botou algumas fores que tinha perto, junto botou sua sela, ele dizia que nunca iria existir um outro animal inteligente e leal como o sultão, depois de cobrir com terra ele plantou um pé de papoula, era normal no Maranhão as pessoas fazerem isso (Rosa Maria, Bairro da Floresta, 71 anos).

Algumas das vezes enterramos no quintal baldio perto de casa e outras no quintal da nossa casa mesmo. Foi feito um buraco de quase um metro, enrolamos ele em uma toalha, jogamos algumas flores no túmulo e cobrimos de areia. Em cima botamos um pau com a coleira, mas hoje o quintal está todo aterra e cimentado (Fabio Motta, Bairro São José Operário, 24 anos).

Eu enterro. A Lili foi enterrada na estrada da Praia do Pindobal no Mato e a Flokinha no quintal de casa (Yasmim Garcia, Alter do Chão, 22 anos).

Nós cavamos um buraco no quintal de casa e colocamos o animal. Depois tapamos o buraco com terra e, sobre o local que foi enterrado, colocamos uma cruz e flores. Do nosso gato Bidu, colocamos uns tijolos ao redor para demarcar o local (Janete Maria, Bairro de Aparecida, 56 anos).

Nessas narrativas, observamos que em alguns casos havia locais específicos de enterramento. Em uma delas observamos que os animais eram enterrados perto da árvore de acácia, já em outro foi elaborada uma pequena estrutura de tijolo relacionada ao enterro do animal. Quase todos os animais foram enterrados dentro dos quintais das casas. Em uma das entrevistas, o interlocutor informou que os animais eram enterrados em uma área específica destinada a eles, um cemitério de animais. Em quase todos os sepultamentos foram inseridas cruzes e depositadas flores.

Em um dos casos, foram realizadas pequenas cerimônias para os animais de criação, como é o caso da seguinte entrevista:

Do nosso gato (Bidu) [...] no enterramento dele ficamos ao redor, fizemos uma oração e nos emocionamos (Janete Maria, Bairro de Aparecida, 56 anos).

Estes relatos demonstram, em sua maioria, interessante relação afetuosa e de cuidado dos interlocutores junto aos seus animais de criação. Em alguns casos há materialidade simbólica empregada nos sepultamentos, similar aos sepultamentos humanos, como inserção de cruz, flores e elaboração de estruturas fixas (tijolos). Este uso simbólico da materialidade auxilia nas reflexões sobre as interações e o papel destas relações, que podem estar associadas a fatores religiosos, como questões culturais afetivas.

Quais são e como são enterrados os animais criados por povos indígenas da Amazônia?

Há menções na literatura que abordam os animais de criação na Amazônia, mas as informações sobre os enterramentos desses animais são raras. Ao estudar os povos Parakanãs, do interflúvio Pacajá-Tocantins, Fausto (2001) descreve que os povos indígenas amazônicos desenvolvem uma forma de familiarização com algumas espécies de animais, denominados de “xerimbabos”. A domesticação de espécies selvagens, portanto, para os povos do Xingu, passa pela integração de um animal selvagem a uma adoção por uma família. Ainda no Xingu, entre os povos Arara, Teixeira-Pinto (1996) verificou que estes povos antes de possuírem animais de criação pedem permissão a entidade “Oto”, responsável pelo controle de algumas espécies. Para este povo, a cutia e o macaco-prego são animais que antes eram “gente” e, por essa razão, recebem tratamento diferente dos outros. Essa origem humana faz que estes animais não viam alimento e que possam ser criados e alimentados nos seios das mulheres como filhos. Já outros animais, como aves, jabutis e iraras, também são criados por humanos, mas nesses casos, por não serem amamentados pelas mulheres, podem virar alimento para o grupo em

questão. É interessante notar que alguns animais possuem um espaço próprio destinado a eles, denominado “casa de criação” em vida. Apesar de informar sobre a materialidade em torno dos animais de criação, o autor não aborda o enterramento destes.

Trabalhando em um outro contexto amazônico, Erickson (2012) também explora a questão dos animais de criação. Entre os Matis, do Amazonas, os animais de criação também são chamados de “xerimbabos” e são considerados como pessoas da família (ERIKSON, 2012). De maneira geral, os animais são trazidos da floresta e alguns se tornam animais de criação. Normalmente eles são dados pelos caçadores às mulheres, como avós e esposas que já possuem filhos. Alguns animais, por serem grandes (antas) são criados, mas não adentram a casa. Esses animais possivelmente no futuro virarão xerimbabos. Esse olhar dos Matis em relação ao animal chama atenção, pois o xerimbabo é considerado como um parente, ainda que não seja do mesmo sangue (ERIKSON, 2012). Quando os Matis vão à floresta, eles levam seus animais de criação, e há um cuidado para que esses xerimbabos não consumam nada que possa lhe fazer mal, como determinadas folhas, raízes e frutos. O tratamento e a atenção com os xerimbabos são parecidos com o que se dá às crianças pequenas. Eles são criados, educados e enfeitados como gente.

Há uma série de proibições e regras relacionadas ao tratamento dos xerimbabos Matis, como regras de consumo da carne, retirada das partes dos animais para adornos, gestos ligados à educação dos xerimbabos, alimentação e amamentação. Os Matis consomem macacos, mas é proibido consumir os macacos de criação. Se o xerimbabo morre naturalmente, para consumir essa carne, deve ser feito um ritual com as famílias que criavam o animal – somente assim a carne pode ser consumida. Alguns adornos são feitos com partes de animais, mas jamais de xerimbabos. Quanto à educação e convívio com os animais de criação, não se pode bater ou maltratá-los. Quanto à alimentação, muitas mulheres Matis amamentam os xerimbabos, não só os macacos, mas outros mamíferos. Essas mulheres se tornam “mães” adotivas. Geralmente, esses animaizinhos sempre estão agarrados aos seus donos. No dia a dia, quando os donos querem descansar, os xerimbabos não ficam sozinhos (assim como as crianças), eles são cuidados naquele momento por outro parente. Normalmente, esse cuidado é feito por mulheres já casadas, viúvas ou crianças. Quanto aos rituais de morte dos xerimbabos, Erikson não explora essa questão, mas informa que os xerimbabos são sepultados como gente.

Uma das únicas autoras que aborda o enterramento dos animais de criação é Manuela Carneiro da Cunha (1978), que viveu com os povos Krahô, que atualmente vivem entre os estados de Goiás e Tocantins. Os Kraô possuem animais de criação que fazem parte do ambiente familiar, mas a autora não usa a palavra “xerimbabo”. Para os Krahô, esses animais não deixam de ser silvestres, já que eles vêm da natureza. Nesse ambiente familiar, o dono do animal sempre será o que o resgatou e o trouxe para casa. A escolha do nome do bicho é feita por ele. Ainda que ele passe a responsabilidade de cuidar para uma segunda pessoa, o animal sempre pertencerá ao primeiro dono. Normalmente, homens não cuidam, eles repassam esse cuidado para as mulheres e crianças. É interessante que Manuela Carneiro menciona uma estrutura específica construída especificamente para que os animais domésticos não perturbem os enterros dos humanos, já que o cheiro forte chama a atenção dos animais mais rasteiros.

Dentro dos seus contos míticos etnológicos, os Krahô contam que os animais se ajudam entre si e se comunicam entre eles. Os Krahô realizam sepultamento dos animais de criação semelhante ao enterramento dos humanos, conforme relata Carneiro da Cunha (1978). No caso dos humanos, se faz uma cova, se coloca alguns troncos, se deposita o corpo, terra, novamente troncos e depois se coloca folha de pati da chapada². É muito comum também

² Nós consultamos bancos de dados de plantas, mas não encontramos que planta seria o pati da

o enterramento secundário, que é a realização de um segundo enterro da mesma pessoa. Os Krahô retiram os ossos da terra, lavam, pintam e depositam em outro local. A área onde são enterrados os humanos fica atrás das casas, mas bem afastada, ela não cita uma área específica de cemitério dos humanos. Essa estrutura é construída de troncos de madeira delimitando o espaço do enterro. Quanto ao enterro dos animais de criação, após a morte, eles também são enterrados e são apenas as mulheres que se encarregam desse trabalho. Elas escolhem sempre um lugar específico, que é atrás das casas. A cova é bem funda e redonda, forrada com folhas de pati da chapada. Assim, o sepultamento dos humanos compartilha algumas semelhanças com o sepultamento dos animais nos seguintes aspectos: ambos são feitos em covas escavadas, e são colocadas a mesma folha de palmeira, o pati da chapada. Essas ações que Carneiro da Cunha (1978) menciona dos Krahô nos remetem ao que ainda é feito hoje em alguns lugares da Amazônia, como o cuidado com o corpo do animal e a inclusão de seus objetos e de materiais que recobrem seu corpo.

Ainda dentro do recorte dos povos indígenas amazônicos, encontramos algumas leituras sobre os animais de companhia dos povos Guajá, localizados no estado do Maranhão (CORMIER, 2003). Eles são conhecidos pela criação de macacos de estimação, que acabam sendo criados em grandes quantidades. Há tantos macacos na aldeia que, algumas vezes, o número de animais é até maior que o de habitantes locais. Além dos macacos, outros animais são criados como cotias, tartarugas e pássaros. Geralmente, esses animais são capturados na caçada, seus pais são abatidos para posterior consumo e os filhotes são trazidos para as aldeias e se tornam animais de estimação. Os Guajá também não consomem seus animais de criação. É habitual que os cuidados com os animais de criação sejam feitos apenas pelas mulheres. Elas são consideradas as mães do animal e, em alguns casos, podem chegar até mesmo a amamentá-los. As mulheres que não possuem filhos ou perderam seu filho acreditam que a criação dos animais pode trazer a fertilidade de volta a elas. As meninas mais jovens também podem se tornar mães de animais de estimação. Quando uma pessoa perde alguém, ela se apega a um animal.

Os Jamamadi, falantes de línguas Arawá no Amazonas, também realizam enterramento de animais. De acordo com Shiratori (2018), os Jamamadi têm a prática de criar animais como anta, tamanduá, macaco, cachorro, porco-catitu, cotia, paca, pássaros, galinhas, queixadas e quatis. Alguns animais são de criação, mas podem ficar presos, como é o caso dos cachorros, que geralmente são presos para caçar. A maior parte dos animais de criação não recebe um nome específico, a cotia é chamada de cotia, a anta, de anta (na língua nativa). No entanto, em alguns casos podem vir a receber nomes, como é o caso da tamanduá Angela, em homenagem a uma antiga agente de saúde que trabalhava na aldeia, e no caso dos cachorros. Há diferenças de tratamento entre os animais de criação e o cachorro. Por exemplo, o cachorro pode adentrar as casas e compartilhar da mesma comida que seus donos. Já os outros animais não têm livre passagem pelas casas, apenas pela aldeia. A alimentação desses animais também é diferente da alimentação dos donos. Eles se alimentam de comidas específicas. Sobre o tema, a autora diz (SHIRATORI, 2018, p. 319):

Por outro lado, os outros animais criados por eles consomem comidas específicas, guardadas separadamente: a cotiara de Maika tem suas bananas e macaxeira; as galinhas de Dossobi comiam arroz e milho; o queixada de Badá comia macaxeira; o macaco e o periquito de Sabira

chapada (há inclusive uma foto da palmeira cobrindo a cova do morto no livro, na página 81). É uma palmeira, mas não conseguimos encontrar seu nome científico.

comiam frutas. Em suas idas ao roçado, os donos preocupam-se em trazer cultivares para suas criações, e caso não tenham cultivos suficientes, preferem soltá-los a vê-los passar fome.

É interessante observar que os Jamamadi preparam comidas específicas para os animais de criação que se assemelham à comida que normalmente esses animais têm em seu ambiente natural, como o caso de bananas e macaxeira para a cotiara ou das frutas para os macacos e passarinhos etc. Ainda sobre como são tratados os animais de criação, cada animal possui sua respectiva casa que é construída por seu dono. A casa é usada principalmente para dormir e, durante o dia, os animais ficam soltos pela aldeia. Há também outros cuidados com os animais, por exemplo, quando são medicados, como um galo que foi tratado com ibuprofeno. Também são banhados regularmente, principalmente nos dias quentes, e recebem roupas nos dias frios.

Quanto à forma de como são tratados esses animais de criação ao morrer, Shiratori (2018) menciona especificamente o caso dos cães. Há um cuidado que se tem com o corpo do animal e a forma como são feitos esses sepultamentos. Há áreas específicas de enterros dos cães, como cemitérios. Eles enterram os animais, por cima colocam algum tipo de plástico e, por fim, sinalizam em cima com tábuas semelhantes a túmulos humanos. Essas estruturas ajudam o corpo do cão a ficar preservado por mais tempo. Os lugares escolhidos são próximos a casas do dono (Figuras 8 e 9). Por um tempo se mantém um sentimento de tristeza e até mesmo luto pelo cão que morreu.

Figura 8. Cemitérios construídos especificamente para os animais de criação dos Jamamadi.



Foto: Laura Furquim.

Figura 9. Cemitérios construídos especificamente para os animais de criação dos Jamamadi e observação de vegetação em torno.



Foto: Laura Furquim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que a ideia do trabalho seja inicial, percebemos que as leituras etnográficas existentes que mencionam a criação de animais contêm poucas informações sobre a materialidade dessas relações, ou seja, onde moram, o que comem, onde e com quais materiais são enterrados com esses animais, informações que, para a arqueologia, são de suma importância. A própria relação que se constrói entre humanos e animais de criação em Santarém lembra alguns casos descritos entre povos indígenas amazônicos. Entrevistados em Santarém chegam a chamar seus animais de filhos, prática que é observada entre os povos Parakanãs, os Matis, e outros. Há um consenso, tanto em Santarém, quanto na bibliografia estudada, de que não se consomem animais que passam a esta categoria de animal de criação. Estes animais, diferentes daqueles que são destinados a alimentação, são enterrados e não descartados. Entre os animais criados em Santarém, foram percebidos cuidados com a alimentação, construção de espaços específicos para os animais, cuidados com a saúde que se assemelham a práticas encontradas em povos indígenas amazônicos. Nossa pesquisa propõe que essa relação em vida parece interferir no preparo material do enterramento desses animais. Na nossa revisão bibliográfica percebemos o compartilhamento de alguns hábitos afetivos, como a amamentação dos animais feitos nos seios das mulheres, como no caso dos Arara, Guajá e Matis, para além de outros cuidados com a alimentação. Cuidados com espaços de criação adequados para seus animais, como os que produzem os Arara, Jamamadi. Em relação aos cuidados com os animais, os Jamamadi, por exemplo, tratam seus animais com medicamentos humanos, constroem casas para eles, dão banho, colocam roupa. Esses cuidados nos lembram os cuidados que observamos nos animais do Baixo Amazonas, dar banho (algumas vezes diariamente), dar remédio, preparar comidas específicas.

Há algumas diferenças no que tange as espécies criadas por pessoas em Santarém e aquelas criadas pelos povos indígenas. Em Santarém, a maior parte dos animais de criação são animais domésticos (gato, cachorro, galinha), enquanto entre as sociedades

indígenas, as espécies são principalmente aquelas da floresta e que são trazidas para o ambiente doméstico. Em Santarém, no entanto, ainda que algumas espécies sejam tipicamente criadas para a alimentação como bovinos, galinhas, alguns indivíduos se tornaram animais de criação.

Na literatura que foi revisada e também no contexto do Baixo Amazonas, notamos ainda que os animais de criação na Amazônia exigem cuidados, possuem “donos”, mas não podem ser considerados como seres “subordinados” aos humanos. Ao contrário, eles, em alguns casos, se aproximam de uma categoria muito mais próxima daquela que os humanos estão, como no caso dos Parakanã do Xingu ou dos Arara, também no Xingu. Essa proximidade entre humanos e animais de criação parece ser vista também em semelhanças de práticas de cuidado dos mortos (humanos e animais). Entre o povo Krahô, por exemplo, a cova dos animais se parece muito com a cova feita para os humanos. Já os povos Jamamadi constroem túmulos para seus cães muito parecidos com os túmulos dos seres humanos. Já em relação à morte dos animais de criação no Baixo Tapajós, identificamos que oito dos entrevistados possuíam uma relação de afetividade com seus animais relataram um sentimento de profunda tristeza em relação às perdas desses laços. No contexto do Baixo Amazonas que foi analisado, não podemos dizer que há um consenso sobre a natureza das relações entre humanos e animais de criação, mas os cuidados destinados a eles demonstram um profundo respeito, cuidado e afeto que lembram alguns dos comportamentos observados entre os povos indígenas da região amazônica.

Nas entrevistas que realizamos, percebemos que algumas plantas são usadas nos enterros de animais de criação. Entre os povos Krahô, a mesma planta, o pati da chapada, é utilizada no enterramento dos humanos e também dos animais de criação. Já no Baixo Tapajós, na entrevista da sra. Rosa Maria, ela nos conta que a cova do Sultão (cavalo) foi forrada com folhas de bananeira. Também, a cova do animal foi colocada perto de uma árvore de acácia e, por cima da cova, foi plantado um pé de papoula. Não obtivemos muitas informações sobre o formato da cova entre os entrevistados do Baixo Tapajós, mas percebemos que elas variam em tamanho e profundidade. Em quase todas as nossas entrevistas, por cima da cova, foram depositadas flores. Essas covas possuem de 50 a 100 centímetros. Sobre os locais de enterramento, o mais comum foi observar que os animais eram enterrados nos quintais, próximos a árvores. Em um caso analisado, havia um espaço destinado especificamente para os sepultamentos dos animais (cemitério).

Ao longo do trabalho, nos atentamos também a levantar os materiais usados no enterro dos animais de criação. Em algumas entrevistas realizadas em Santarém, o animal enterrado foi envolvido em um lençol, tecido de cetim, toalha e saco de farroupilha. Sobre a sinalização das covas, em alguns casos elas eram sinalizadas com uma cruz (no caso de um cachorro de uma entrevistada), uma cruz com uma coleira e uma árvore (no caso do cavalo). Em certos casos, alguns objetos foram depositados junto aos animais, geralmente os objetos que pertenciam ao animal em vida, como coleira (no caso do cachorro), sela (no caso do cavalo).

Assim, nosso estudo, ainda que preliminar, trouxe importantes reflexões para zooarqueologia, desde questões relacionadas a materialidade utilizada nos sepultamentos dos animais de criação, como as características da forma dos sepultamentos e do espaço associado, seja em contexto urbano como do que vem sendo encontrado para casos de povos indígenas da região. As semelhanças associadas entre o contexto urbano contemporâneo com o contexto indígena denotam forte legado cultural que se perpetua até os dias de hoje. Futuramente, seria importante continuar com investigação por meio de experiências futuras em outros locais da Amazônia, buscando outros autores, com o intuito de construir um referencial bibliográfico que pudesse abranger um número maior de trabalhos sobre a criação de animais e essa relação de afetividade com o

humano. Esse referencial parece fundamental para interpretar e reconhecer as nuances da presença de animais nos sítios arqueológicos da Amazônia.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, por ter me guiado com muita sabedoria até aqui. Agradeço aos meus pais, por sempre me apoiarem e não me deixar desistir, pelo amor incondicional dado a mim. Agradeço aos meus professores, em especial a Gabriela Preste Carneiro, por sua confiança, carinho e cuidado, passando seus conhecimentos e me permitindo estar em lugares que eu jamais imaginaria estar, sem sua companhia eu jamais estaria onde me encontro hoje. Agradeço à minha amiga e colega de turma, Cristiane Nayara Jati Colares, que sempre esteve ao meu lado desde o início do período acadêmico, auxiliando-me sempre que necessário. Agradeço aos meus revisores, que tiraram um tempo para me ajudar na produção deste trabalho. Agradeço a todos que me ajudaram sanando dúvidas e fornecendo bibliografias. Agradeço aos meus interlocutores, sem eles parte deste trabalho não seria possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÉAREZ, Philippe; PRÜMERS, Heiko. Prehispanic fishing at Loma Mendoza, Llanos de Moxos, Bolivia: in the role of fish in ancient time. In: MEETING OF THE ICAZ FISH REMAINS WORKING GROUP, 13., Basel (CH), 2005. *Proceedings* [...]. Basel (CH): 2005. p. 3-10.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Os mortos e os outros: uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahó*. São Paulo: Hucitec, 1978.
- CAPRILES, José M. *et al.* Pre-Columbian transregional captive rearing of Amazonian parrots in the Atacama Desert. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 118, n. 15, p. e2020020118, 2021.
- CORMIER, Loretta. Animism, cannibalism, and pet-keeping among the Guajá of Eastern Amazonia. *Tipiti: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America*, v. 1, n. 1, p. 81-98, 2003.
- SILVA, Sérgio F. S. M. *Arqueologia das práticas mortuárias em sítios pré-históricos do litoral do estado de São Paulo*. 2005. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- ERIKSON, Philippe. Apprivoisement et habitat chez les amérindiens Matis (langue Pano, Amazonas, Brésil). *Anthropozoologica*, n. 9, p. 25-35, 1988.
- ERIKSON, Philippe. Animais demais...: os xerimbabos no espaço doméstico Matis (Amazonas). *Anuário Antropológico*, v. 37, n. 2, p. 15-32, 2012.
- FAUSTO, Carlos. *Inimigos fiéis: história guerra e xamanismo na Amazônia*. São Paulo: Edusp, 2001.
- GOEPFERT, Nicolas. New zooarchaeological and funerary perspectives on Mochica culture (AD 100–800), Peru. *Journal of Field Archaeology*, v. 37, n. 2, p. 104-120, 2012.
- GOMES, Denise M. C.; SILVA, Adriana C.; RODRIGUES, Robson. Múltiplos territórios: os sítios vizinhos às grandes aldeias de Santarém, PA. *Revista de Arqueologia*, v. 31, n. 1, p. 3-24, 2018.
- HARGRAVE, Lyndon L. *Mexican macaws: comparative osteology and survey of remains from the southwest*. Tucson (US): University of Arizona Press, 1970.

- FERREIRA, Mariana P. *Zooarqueologia social: o estudo de caso do sítio Palhal 2, rio Xingu-PA*. 2022. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.
- MAIA, Marilha. Histórias curiosas marcam origem de bairros de Santarém. *G1*, Santarém, PA, 17 jun. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/historias-curiosas-marcam-origem-de-bairros-de-santarem.ghtml>; <https://www.ufopa.edu.br/comunicacao/comunica/jornalismo/ufopa-na-midia-2/2018/junho/historias-curiosas-marcam-origem-de-bairros-de-santarem/>. Acesso em: 14 set. 2023.
- NEVES, Eduardo G. Santarém: a cidade de todos os tempos. *National Geographic Brasil*, São Paulo, 23 nov. 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/18872303/Santar%C3%A9m_A_Cidade_de_Todos_os_Tempos. Acesso em: 28 ago. 2023.
- OLIVEIRA, Aparecida F. M. *et al.* O processo de domesticação no comportamento dos animais de produção. *PUBVET*, v. 5, n. 31, p. 1-19, 2011.
- PRESTES-CARNEIRO, Gabriela *et al.* Archaeological history of Middle Holocene: environmental change from fish proxies at the Monte Castelo archaeological shell mound, Southwestern Amazonia. *Holocene*, v. 30, p. 16-21, 2020.
- PRESTES-CARNEIRO, Gabriela *et al.* Pre-Hispanic fishing practices in interfluvial Amazonia: zooarchaeological evidence from managed landscapes on the Llanos de Mojos savanna. *PLoS One*, v. 14, p. e0214638, 2019.
- PRESTES-CARNEIRO, Gabriela *et al.* Subsistence fishery at Hatahara (750–1230 CE), a pre-Columbian central Amazonian village. *Journal of Archaeological Science: Reports*, v. 8, p. 454-462, 2016.
- PRUDENTE, Hugo. *Potuwa Pora Kô: o que se guarda no potuwa*. São Paulo: Iepé, 2021.
- QUEIROZ, Albérico N.; CARDOSO, Carlos E; CARVALHO, Olivia A. A. Animais como psicopompos nas sepulturas do sítio arqueológico Justino? (Canindé de São Francisco, sub-região de Xingó, Sergipe, Brasil). *Antipoda: Revista de Antropologia y Arqueologia*, n. 28, p. 57-73, 2017.
- RAPP PY-DANIEL, Anne *et al.* *Uma Santarém mais antiga sob o olhar da Arqueologia*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2017.
- SHIRATORI, Karen. *O olhar envenenado: da metafísica vegetal Jamamadi (médio Purus, AM)*. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.
- SILVEIRA, Maura I. *Estudo sobre estratégias de subsistência de caçadores-coletores pré-históricos do sítio Gruta do Gavião, Carajás (Pará)*. 1994. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- SOMERVILLE, Andrew D.; NELSON, Ben A.; KNUDSON, Kelly J. Isotopic investigation of pre-Hispanic macaw breeding in Northwest Mexico. *Journal of Anthropological Archaeology*, v. 29, n. 1, p. 125-135, 2010.
- SUGIYAMA, Nawa *et al.* Earliest evidence of primate captivity and translocation supports gift diplomacy between Teotihuacan and the Maya. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 119, n. 47, p. e2212431119, 2022.
- SYMANSKI, Luís C. P.; GOMES, Denise M. C. Mundos mezclados, espaços segregados: cultura material, mestiçagem e segmentação no sítio Aldeia em Santarém (PA). *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, v. 20, n. 2, p. 53-90, 2012.
- TEIXEIRA-PINTO, Márnio. *Iepari: sacrifício e vida social entre os índios Araras*. São Paulo: Hucitec, 1996.

- URBAN, Greg. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In: CUNHA, Manuela C. (ed.). *História dos índios do Brasil*. São Paulo: Fapesp; Companhia das Letras, 1992. p. 87-102.
- VELDEN, Felipe V. Sobre cães e índios: domesticidade, classificação zoológica e relação humano-animal entre os Karitiana. *Avá: Revista de Antropología*, n. 15, p. 1-20, 2009.
- WAI WAI, Beni. *Práticas funerárias e suas transformações nos últimos 70 anos entre os Wai Wai do Mapuera*. 2019. Monografia (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.
- ZORRO-LUJÁN, Catalina M. *et al.* A macaw (*Ara* sp.) in a preceramic site from the Sabana de Bogotá, Colombia, dated to the ninth millennium cal BP. *Latin American Antiquity*, v. 32, n. 1, p. 57-75, 2021.